História de Lenços e Ventos

Peça Teatral

Ilo Krugli

Sumário

Conhecendo o autor
Conhecendo os personagens
Preparando...
Iniciando o espetáculo
Falando de teatro 8
Sobre a “História de lenços e ventos”
Músicas

Conhecendo o autor

Ilo Krugli nasceu em Buenos Aires, Argentina, é naturalizado brasileiro desde 1961, e reside atualmente em São Paulo.

Artista plástico, educador, diretor, autor e ator de teatro, lecionou e realizou experiências criativas com jovens, crianças e adultos na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, pioneira de todo o movimento de arte-educação em nosso país.

Ilo ensinou nos cursos de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música e dirigiu o centro de Arte e Criatividade Infanto-Juvenil do Méier, subúrbio do Rio de Janeiro. Ali mudou a maneira de pensar o teatro, atraindo a comunidade e transformando as apresentações em verdadeiras festas populares — “eliminando a distância entre quem faz e quem vê”.

Desde sua estréia, “História de lenços e ventos” foi encenada em diferentes estados, nas capitais e no interior, em parques, praças e penitenciárias e no exterior. As atividades do Grupo de Teatro Ventoforte, que Ilo dirige até hoje, tiveram início em 1974, com a estréia de “História de lenços e ventos” no Festival de Teatro Infantil de Curitiba. O grupo nasceu na cidade do Rio de Janeiro e, a partir de 1979, transferiu-se, com seu diretor, para São Paulo.

Ilo Krugli coordena cursos de teatro e arte integrada para crianças, jovens e

adultos na Casa Ventoforte — Centro de Arte e Cultura Integrada — criada em 1981, onde procura destacar as diferentes manifestações dos povos que integram a cultura brasileira.

"História de lenços e ventos" recebeu, entre outras, as seguintes premiações:

— Melhor Espetáculo Infantil do Ano, em 1974, da Associação Carioca de Críticos Teatrais, Rio de Janeiro;

— Prêmio Molière, 1974;

— Prêmio Mambembe, 1980;

— Melhor Espetáculo do Ano e Grande Prêmio da Crítica, 1980 — da Associação Paulista dos Críticos de Arte, APCA, São Paulo.

O livro "História de lenços e ventos", da Coleção Vertente Teatral (EDC), recebeu a menção Altamente Recomendável Teatro e o Prêmio Lucia Benedetti — O Melhor Livro de Teatro, 2000, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — FNLIJ, Rio de Janeiro.

"Fazemos teatro para que os nossos pés e mãos não esqueçam sua longa e maravilhosa história de artesãos do movimento da alma do homem no amar e criar".

"E das nossas mãos saíram barcos pequenos e lenços azuis como o céu à procura da liberdade e de um destino escolhido".

Ilo Krugli

Conhecendo os personagens

"Azulzinha": um lenço azul é o protagonista. Representa a vontade de correr atrás da aventura, da liberdade e do amor ao novo. Desobediente, ela faz acontecer a história.

“Papel”: uma folha de jornal, simples e poética, transitória, com muita vontade de "chegar" ao conflito da história.

“Papel”: num segundo momento, depois de ser queimado, ele se transforma em herói de capa e espada; ainda de jornal, o coração é de celofane, vermelho e transparente.

“Rei Metal Mau”: marionete grande, de metal, representa o poder autoritário, com características de ditador. Há muitos soldados à sua volta.

“Soldados”: pedaços de metal, alumínio dobrado, que batem em movimento, máquinas obedientes às ordens do Rei Metal Mau.

“Lencinhos Pequenos”: alegres ou tristes, medrosos ou arrojados, são crianças coloridas que querem brincar (de seda, algodão, lã, transparentes, brilhantes, foscos, lisos ou desenhados).

“Lenços Grandes”: compridos, quadrados... às vezes arrogantes, sérios, sisudos ou carinhosos, eles são adultos que estão sempre dando lições para os pequenos; também eles têm vontade de brincar, outros, têm medo.

“Guardanapo Branco”: engomado, bordado, durinho, cheio de si.

“Nuvem”: sonolenta, bandeira de papel de seda no céu.

“Dragão”: personagem fantástico feito com todos os lenços do espetáculo.

“Guarda-Chuva”: personagem feminina representada por um guarda-chuva quebrado pelo vento e pela chuva. Tem a função de proteger o papel.

“Galinha Observatriz”: galinha que fica no alto, no jogo do telefone, fala do tempo e dá os futuros prognósticos.

“Chuva”: não tem falas; uma atriz derrama lentamente água através de um jarro, regador ou lata com furos, numa bacia.

“Narradores”: todos os atores e músicos vão cantando e contando a história, e só se transformam em personagens quando estão com os objetos nas mãos.

Preparando...

Cenário

O cenário será construído pelos atores na primeira cena. Panos coloridos, cordas e lenços; um guarda-chuva velho, bacia, balde, regador velho, caixas, pneus, e outros elementos de sucata vão construindo "o quintal" — que será o quintal da memória de cada um.

A indicação de mudança do espaço da ação pode ser feita por um elemento novo, que simbolize aquele novo espaço, ou pelo uso de apenas uma parte do palco.

Antes do espetáculo deverá ser construída a caixa estratosférica — uma simples caixa grande de papelão que possa ser suspensa por cordinhas, como um secador de roupas. Nada impede que outras soluções surjam para a caixa estratosférica.

Figurinos

Os figurinos, de tecidos coloridos, deverão ter unidade e manter a neutralidade, para que os atores possam assumir diversos personagens.

Maquiagem

Uma leve máscara branca, e com olhos e bocas acentuados, será o

suficiente para "teatralizar" os rostos, neutralizar o comum e reforçar a expressão.

Música

Poderá ser feita por violões, flautas e instrumentos de percussão ou por instrumentos improvisados.

Iniciando o espetáculo

O público deve ir entrando e os atores se aproximando das crianças, pedindo que elas se sentem perto do local onde se desenvolverá a ação. Depois, os atores levam para o palco todos os materiais do espetáculo, mostrando os objetos com a preocupação de saber qual será o uso que vai ser dado a eles, fazendo perguntas:

"Será que com estes jornais velhos se pode fazer teatro?"

"E esta bacia com água, será que serve para fazer teatro?"

"Já viu alguma história com guarda-chuva velho?"

Tudo isso muito rápido, até formar, cenicamente, o quintal: objetos jogados à direita, à esquerda, varais, panos grandes pendurados. Depois de criado, em conjunto com o público, os atores acham, em meio a esses objetos, uma mala com bonecos.

Abrem. Brincam. Manipulam os dois bonecos — Manoel e Manuela, encontrados dentro da mala que acham no quintal. Então, têm uma idéia: "Vamos fazer teatro com bonecos!"

Os bonecos se recusam a representar, discutem livremente, numa improvisação com os atores, se negando a representar, e, na briga, mandam que os próprios atores façam o espetáculo. Os bonecos entram na mala e se trancam por dentro.

Os atores comentam: "Eles estão fechados lá dentro. E fecharam com a chave. Vamos ter que fazer o espetáculo sem eles. Mas como vamos fazer o

espetáculo? Vamos procurar!"

E começam a procurar até que descobrem um violão e um lenço no violão. A partir daí vão achando outros lenços em seus próprios figurinos. E vão pendurando todos eles num varal, rapidamente, como num jogo mágico.

Os personagens, lenços, se apresentam ao público, falam de desejos, fantasias e sonhos. Cada cor tem uma personalidade diferente. Cada lenço se transforma em um personagem. A personalidade de cada um varia de acordo com as cores, tamanhos e formas.

Expressam sua curiosidade com a pureza da curiosidade infantil.

(Enquanto cantam, os atores vão pendurando no varal os lenços que tiram do próprio figurino. Cada ator os transformará em personagens, através da manipulação. Uma parte do pano que cobre a mão faz a cabeça; o restante do pano, o corpo.)

Eu sou de seda

Eu sou de seda
Eu sou de pano
Sou bordado de lua
Tenho flores de prata
Eu sou de chita

Eu sou de lã
Sou dura engomada
De flor floreada

Sou uma bandeira
Uma saia rodada
Lencinho pequeno
De espirro e mágoa.

(Mas, uma vez criada a convenção de que os lenços e os objetos são os personagens, os gestos podem ser mais livres. Com uma mão, com duas, jogando-os para o ar ou deixando-os cair. Agitando levemente, intensamente, tremendo, pulando ou imóveis.)

(Os personagens ganham vida através da manipulação e vão se apresentando ao público, aleatoriamente.)

— Era uma vez um pano vermelho brilhante.

— Era uma vez um pano amarelo quadrado.

— Era uma vez um quadrado de papel desenhado.

— Era uma vez um desenho colorido num lenço quadrado.

— Era uma vez um quadrado cheio de bolas.

— Era uma vez um coração de papel celofane transparente.

— Era uma vez um coração de metal.

— Era uma vez, era uma vez, era uma vez...

— Era uma vez um quintal onde passavam todas as correntezas e todos os ventos.

— Todas as chuvas, bolas e todas as folhas secas; às vezes até neve caía.

— Era um quintal por onde voavam todas as pipas, as nuvens, as borboletas, os passarinhos e até aviões.

Azulzinha: — Ai, eu queria tanto voar!

Vermelhinha: — E eu queria voar alto, com as nuvens!

Amarelinha: — E eu queria rodar com todos os rodamoinhos!

Floreado: — E eu queria me agitar como uma grande floresta em tempestade!

Listrado: — E eu como uma tempestade numa grande floresta!

Transparente: — E eu queria passar pelo céu como se fosse um cometa.

Todos: — De onde vem o vento? De onde?

Azulão: — O vento vem do fundo do mar.

Amarelão: — Não é do mar, não; o vento vem das montanhas altas.

Alaranjado: — Não! É das grandes cidades. Eu soube que em São Paulo tem uma fábrica de vento.

Amarelão: — Deve ser vento enlatado.

Azulão: — Ou em saquinhos de plástico.

Vermelhão: — Não! O vento vem do céu. Tudo o que voa anda pelo céu!

Azulão: — Tudo que voa, voa pelo céu. É, tudo que voa anda com o vento.

(Os demais atores podem repetir a fala aleatoriamente, como um eco.)

Lá vem a noite

Lá vem
Lá vem a noite
e vem de capa preta
traz uma estrela grande
três mil e um cometas

Lá vem a noite
e vem trazendo o vento
com três luas redondas
Brincando no sereno.

Azulzinha: — Ai, eu queria tanto voar! E eu queria voar alto como as nuvens! Será que tem vento hoje?

Azulão: — Não sei; hoje ainda não li o jornal. É lá que se sabe se vai ter vento ou chuva.

Amarelão: — Mas, olha como venta; é preciso ter cuidado! Tem alguns ventos fortes, fortíssimos!

Alaranjado: — O Vento da Meia-Noite já fez um lençol ir até a Bahia!

Vermelhão: — E o Vento da Madrugada levou uma telha e uma camisa ao deserto do Saara.

Brancão: — E o Vento do Fim de Semana fez voar uma cama, com travesseiro e tudo! Fiquem quietinhos e durmam que, se o vento chegar... a gente avisa... se chegar um vento bom, a gente avisa.

(Os personagens-lenço "dormem" e os atores, que os manipulavam, assumem a cena.)

Ator 1: — E os lencinhos pequenos dormiram... o meu, no chão.

Ator 2: — Outro num caixote...

Ator 3: — O meu na garrafa.

Ator 4: — O meu pendurado.

Ator 1: — Agora que os lenços estão dormindo, nós vamos ter que trabalhar, mas antes vamos ver no jornal qual é o tempo que vai fazer esta noite... É porque trabalhamos ao ar livre e pode chover, até granizo, ter ventanias, tempestades. É no jornal que se sabe de tudo. Bom... de quase tudo.

(Ficam em volta de um jornal estendido numa corda.)

Ator 2: — Aqui não diz nada sobre o tempo. Se aqui não falar nada não vai ter graça.

Ator 3: — É que o que vem agora é muito perigoso!

Ator 4: — Então eu vou tirar a poeira das escadas.

Ator 1: — Eu vou enxugar a chuva das janelas!

Ator 2: — Eu vou cortar as sombras das vidraças.

Ator 3: — E eu vou varrer a névoa dos telhados.

Ator 4: — Eu vou tomar banho de sereno.

Ator 1: — Mas vai ter tantos perigos nesta história. Para continuarmos contando vamos esperar a noite.

Ator 2: — Porque nas histórias os perigos sempre acontecem de noite...

(Escurece a cena.)

Azulzinha e Branquinho se conhecem. Branquinho fala sobre diversos personagens: os guardanapos, os panos de prato, toalhas. Falam das diferenças entre as pessoas e de seus desejos.

Azulzinha deseja voar com as nuvens. E voa. Voa e cai. Os atores decidem então que um novo personagem surgirá. Quem será? Músicas, sons dão "dicas" sobre ele. O suspense se instala.

Ator 1: — Aonde você vai, Azulzinha?

Azulzinha: — Vou andar pelo varal para ver se aprendo a voar. Está escuro, não se vê nada.

(Entra pelo outro lado o Branquinho; eles se vêem de longe e começam a tremer assustados — os dois — Azulzinha e Branquinho.)

Azulzinha: — Quem é você?

Branquinho: — Eu sou o Branquinho. Você tem medo?

Azulzinha: — É claro, pensei que você fosse o Gasparzinho, ou o Pluft, ou o Fantasma da Ópera.

Branquinho: — Eu sou o guardanapo do dono da casa vizinha. Depois do jantar me dobraram e me deixaram pertinho da janela. Aí aproveitei e me deixei cair.

Azulzinha: — Você sabe voar?

Branquinho: — Não, eu aproveito as correntezas. Mas sempre volto para minha casa; me devolvem quando vêem que eu tenho um monograma.

Azulzinha: — O que é um monograma?

Branquinho: — É o nome do dono da casa, bordadinho em letras de ponto cheio, ponto cruz, ponto atrás. E isso é monograma.

Azulzinha: — Eu não tenho monograma.

Branquinho: — Lá em casa todos temos. Minha mãe é pano de prato e tem até alças. Meu pai é toalha de rosto e nele está escrito: "Bom-dia". Minha prima é cortina de tergal e balança o dia inteiro na sala de jantar.

E meu avozinho é capacho e nele está escrito: "Limpe os pés e seja bem-vindo", e a minha prima é fronha. Olha, eu já vou, vou aproveitar esta correnteza. Lá vou eu!...

Azulzinha: — Eu também podia aproveitar as correntezas. Lá vem uma.

(Ela voa e cai num balde, fazendo um grande barulho: "tchi-bum", que traz os atores de volta à cena. Retiram Azulzinha do balde, toda molhada.)

Ator 1: — Agora vai ser difícil, a Azulzinha ficou toda molhada.

Ator 2: — Bota ela para secar na corda e vamos esperar.

Ator 3: — Não! Não vamos esperar não!

Ator 4: — Agora podíamos fazer como se faz nos filmes: passamos para

outro lugar, fazemos outra cena que ninguém sabe onde é, e entram personagens que ninguém sabe quem são, e de onde vem aquilo! É o que se chama suspense!

(Todos os atores trazem lâminas de metal e começam a fazer ruídos e sons e cantam a música do Soldado Medieval.)

Soldado Medieval

Ele é grande, é forte
Ele é brilhante

É soldado que voa
Do país distante

Ele é grande, ele é forte
Não tem vida nem morte
Ele é grande, ele é mau
Ele é medieval.

(Atores fazem sons e movimentos. Um ator pergunta, todos respondem.)

Ator: — É o vento?

Todos: — Não é.

Ator: — São trovões? Trovoadas?

Todos: — Não, não são.

Ator: — É tempestade?

Todos: — Não é!

Ator: — É usina nuclear?

Todos: — Também não.

Ator: — É gente?

Todos: — Não é!

Ator: — É uma guerra?

Todos: — É uma guerra? (Em suspense.)

Ator: — Pode ser.

Ator 4: — Olha, a Azulzinha já está seca.

Ator 3: — A gente continua esta cena depois.

Ator 2: — Eh! É. Depois vamos continuar o suspense.

Azulzinha: — A correnteza só me fez cair no balde. É melhor esperar o vento. Será que tem vento esta noite?

Todos: — Tem o Vento da Madrugada. Azulzinha, é melhor você ir dormir.

Azulzinha: — Eu quero aprender a voar...

Ator: — Mas quem voa gente agora não é um vento qualquer, é o Vento da Madrugada... (Ameaçador.)

O Vento da Madrugada, como o personagem anterior, vem anunciado por

um clima de suspense. Medo e ameaça. Ele é misterioso. Não é também um personagem qualquer: é o Vento da Madrugada! Personagem importante da história.

E o Vento da Madrugada passou fazendo tudo voar. Será que todos os lenços ainda se encontram ali?

Surge um novo personagem que declara: "O importante é a gente chegar aonde quer chegar".

E este novo personagem parte em busca de Azulzinha, que quase é destruída pela chuva e vai se refugiar em outro quintal.

(Voam todos os panos, lenços e papéis, lançados pelos próprios atores.)

Vento da Madrugada

Vento da madrugada
nunca chega só
numa mão traz o sol
na outra o beija-flor
ele é misterioso
mas não é medroso
Já fez voar um gato, um rato
uma escada, um telhado
mas que vento guloso
ele não é medroso
ele traz o sol.

(Amanhece.)

Ator 1: — O Vento da Madrugada já passou. Acabou a noite. Ele deixou o Sol.

Ator 2: — Mas deixou toda esta bagunça!

Ator 3: — Será que ainda temos todos os lenços para continuar a história? Vamos ter que contar... E se faltar algum lenço, não continuamos!

Ator 4: — Por quê?

Ator 1: — Porque esta peça é matemática.

(Recolhem os lenços e vão dando nome a eles, de acordo com a cor.)

Ator 2: — Verdinho.

Ator 3: — Vermelhinho. (Os lenços vão sendo pendurados numa corda.) Xadrezinho!

Ator 4: — Azulzinha? Azulzinha? (Chamam para todos os lados.)

Ator 1: — Não está.

Ator 2: — Deve ter sido o Vento da Madrugada. (Preocupado.)

Ator 3: — E, a última vez que a vi ela estava no varal.

Ator 4: — A última vez que a vi estava caindo no laguinho.

Ator 1: — Vamos ler o jornal? Deve ter notícias sobre o que aconteceu nesta madrugada.

(Trazem o jornal.)

Ator 2: — Na noite passada, repentinamente, sem avisar, nos quintais dessa cidade, soprou intempestivamente o Vento da Madrugada. O Vento da Madrugada

causou alguns danos; derrubou árvores e levou para o ar folhas de papel, telhas, sinos, ninhos, camisas e também diversos objetos não-identificados.

(Lendo o jornal em voz alta.)

Ator 3: — A Azulzinha deve estar entre os objetos não-identificados.

Ator 4: — Vamos ler o resto. Pode ser que o Vento da Madrugada volte com ela.

Ator 1: — O prognóstico para hoje e amanhã é de chuvas esparsas e ventos moderados de norte a sul.

Ator 2: — Só vai ter ventos moderados.

Ator 3: — Não gosto de histórias de ventos moderados.

(Saem, chateados, até o fundo do quintal.)

Ator 4: — É, eles têm toda a razão do mundo, ventos moderados não dá, a última vez que estive numa história de ventos moderados foi muito ruim, ou é vento pra valer ou melhor nada.

Ator 1: — Mas agora é o momento certo para fazer entrar na história um novo personagem.

Ator 2: — Ele não é de seda.

Ator 3: — Também não é de pano.

Ator 4: — Nem de papelão.

Ator 1: — Nem de papel celofane transparente.

Ator 2: — Nem de corda.

Ator 3: — Nem de metal brilhante. Ele é de jornal.

(Um ator rasga metade de uma folha de jornal, faz uma dobra vertical para segurar, e outro pinta os olhos e a boca no papel.)

Papel: — Meu nome é Papel. Eu sei voar, andar, girar pelo ar, às vezes eu ando aos trancos e barrancos. Eu tenho altos e baixos. Mas o importante é chegar aonde a gente quer chegar.

E eu gosto muito do quintal, das cores, das coisas, de gente.

Mas gosto mesmo é da Azulzinha! Sabem o que vou fazer? Vou sair procurando por ela.

E amanhã o jornal vai trazer notícias bem alegres. Azulzinha voltou! E eu vou voar com ventos moderados... Hoje os ventos serão moderados, mas eu vou conseguir voar. Eu já disse que tenho altos e baixos. Faz um vento para mim! (Sopram todos intensamente.) Eu disse moderado.

(Os outros atores se despedem detrás do varal, acenando.)

Eu fui voando, lá no quintal os lenços ficaram brincando de roda como fazem todas as tardes; só que um pouco mais tristes, porque Azulzinha não estava. E quando os amigos não estão, a gente fica um bocado triste.

Da cor do céu

Da cor do céu
da cor do céu
da cor do teu olhar
a roda nasce

a roda gira
aqui no meu quintal

Se é muito azul
se é muito azul
no branco vai clarear
da cor do céu
a roda gira
aqui no meu quintal.

Ator 1: — E o Papel foi embora e chegou outro personagem estranho, que não era do quintal.

(O Soldado Brilhante aparece, voa ameaçador, inspeciona tudo e se retira. Os lenços se escondem.)

Soldado Medieval

Ele é grande, é forte
Ele é brilhante
É soldado que voa
Do país distante
Ele é grande, ele é forte
Não tem vida nem morte
Ele é grande, ele é mau
Ele é medieval.

Ator 1: — Para onde será que o Papel voa?

Ator 2: — Para onde será que ele vai?

Ator 3: — E Azulzinha, que anda sozinha pelos ares...

Ator 1: — Mas a Azulzinha não era a única que andava sozinha pelo ar; o Papel também, e perguntava a todo mundo: "Você viu a Azulzinha?" E nada de Azulzinha.

(Passa uma nuvem — uma bandeira — adereço de cena feito também de papel de seda.)

Papel: — Ei, Nuvem, você viu passar a Azulzinha? Ela saiu voando hoje de madrugada, com o Vento da Madrugada.

Nuvem: — Hum, hum, não sei. Acho que vi... Acho que não vi... Como ela é?

Papel: — Pequena, de seda, carinhosa, da cor do céu.

Nuvem: — Hum, hum, não sei. Vai ser difícil achá-la se é da cor do céu.

Papel: — Por quê?

Nuvem: — Porque não dá contraste.

Papel: — Ah! Então vamos fazer entrar muitas nuvens para fazer o contraste.

(Entram muitas bandeirinhas de papel de seda, cores e desenhos diferentes.)

Ator 1: — As nuvens estão cobrindo o céu. Foi ficando escuro, escuro até que começou a chover... O Papel foi ficando todo molhado, quase se desmanchando. Se continuar chovendo, o nosso herói não vai conseguir salvar Azulzinha.

Ator 2: — Se protege, Papel!

(Em cena, enquanto cantam, uma atriz triste faz "chover" sem parar, com uma lata cheia de furos, como se fosse um regador velho; a água cai numa bacia velha.)

Se é de papel

Se é de papel
voa no céu
se é de metal
brilha na mão
se é de jornal
me faz chorar
não é por mal
me faz chorar.

Ator 1: — E o Papel voou para outro quintal; nesse quintal havia outros personagens que também estavam voando no céu, sozinhos.

No outro quintal, Papel de Jornal encontra amigos. Preocupados com os estragos do Vento da Madrugada, ajudam Papel a encontrar Azulzinha. E bem em cima de uma nuvem lá está ela querendo aprender a voar e a conhecer outros lugares. Desconhecidos e perigosos. Tudo isto atrai Azulzinha.

Papel tenta convencê-la a voltar, mas ela insiste em voar mais longe. Quer aprender! Mas... Acaba sendo raptada pelo Soldado Medieval da Cidade Brilhante.

(A cena agora se passa em outro quintal. Entra a personagem Guarda-Chuva, e o Papel vai se proteger da chuva debaixo dela.)

Guarda-Chuva: — Que tristeza, ai, estou toda quebradinha! Solta, desmanchada, desparafusada. Esse Vento da Madrugada quase me mata! Vou dar um telefonema e entrar para conserto.

(Arma-se um telefone com duas latas e cordas, segurado pela Guar-da-Chuva e pela Galinha.)

Papel: — Me ajude, deixa eu ficar aqui, senão a chuva me desmancha também e eu não vou conseguir achar a Azulzinha.

Guarda-Chuva: — Você está muito molhado, fica aqui até a chuva parar. Eu vou dar um telefonema. Alô, alô, é do observatório?

(Entra a personagem Galinha que se põe a observar, em cima de um caixote)

Galinha: — É sim, do Observatório.

Guarda-Chuva: — Quem é que fala?

Galinha: — A Galinha Observatriz!

Guarda-Chuva: — A Galinha! Você está observando tudo direitinho?

Galinha: — Estou observando tudo, mas quem é que fala?

Guarda-Chuva: — Sou eu, a Guarda-Chuva.

Galinha: — Como vai?

Guarda-Chuva: — Muito mal. O Vento da Madrugada quase me mata, estou toda desparafusada!

Galinha: — Que pena!

Guarda-Chuva: — Olha aqui, a chuva vai continuar por muito tempo?

Galinha: — Está anunciando chuvas intensas no período.

Guarda-Chuva: — E o que é que eu vou fazer?

Galinha: — Eu posso te ajudar, assim que a chuva parar, eu telefono e aviso.

Guarda-Chuva: — Obrigada, me telefone! (Fala para a telefonista.) Mande a conta para o quintal. Papel, a gente ainda vai voar um pouco até a chuva passar. Vamos nos proteger naquela marquise...

Galinha: — A chuva parou?

(Entra a atriz que faz a chuva, chateada, jogando a lata furada dentro da bacia.)

Chuva: — Já parei. (Sai.)

Galinha: — Alô! Alô! Quer chamar a Guarda-Chuva?

Telefonista: — Guarda-Chuva, é para você!

Guarda-Chuva: — Tem certeza de que é para mim? Tem tanto Guarda-Chuva por aí...

Telefonista: — Alô, quer falar com Guarda-Chuva de quê?

Galinha: — Com a Guarda-Chuva Fonseca.

Guarda-Chuva: — Ah! Sou eu mesma! Alô, alô, quem é que fala?

Galinha: — Sou eu, a Galinha Observatriz. Boas notícias para você.

Guarda-Chuva: — Boas notícias? Quais?

Galinha: — A chuva parou.

Guarda-Chuva: — Parou? Eu nem tinha reparado. Obrigada, obrigada, você é muito eficiente, você é muito gentil.

Galinha: — Não tem por quê. Lembranças para sua família.

Guarda-Chuva: — Igualmente. (Para o público.) Ela é muito educada, muito gentil! Papel, agora você continua sozinho, mas quando você quiser, volta aqui no meu quintal.

Papel: — Adeus, Guarda-Chuva, obrigado pela ajuda.

Guarda-Chuva: — Nós somos seus amigos.

Ator: — E o Papel começou a subir, a subir, cada vez mais alto, e as nuvens passavam, mas sem ninguém. De repente, viu lá em cima, dormindo, esticada em uma nuvem, a Azulzinha.

Papel: — Azulzinha!

Azulzinha: — Quem me chama?

Papel: — Sou eu, Papel de Jornal, lá do quintal. Volta, vem comigo. Os outros estão muito tristes desde que você saiu de madrugada.

Azulzinha: — Ah, eu estou aprendendo a voar.

Papel: — Não vai longe, não. A gente pode voar por cima do quintal.

Azulzinha: — Ah, eu não quero voltar ainda. Olha, lá no horizonte vejo uma cidade brilhante; eu quero ir até lá.

(Entra em cena o personagem Soldado Voador. Cantam a música do Soldado Medieval.)

Papel: — Não vai não, Azulzinha! Já sei quem é ele! Ele é da cidade brilhante, da Cidade Medieval. Cuidado, Azulzinha, cuidado! (O Soldado rouba a Azulzinha.) A Azulzinha foi roubada!

Papel viaja num "personagem tecnológico" — o ônibus — para a Cidade Medieval, em busca da Azulzinha. Lá governa o Rei Metal Mau, no Castelo Perfeito, onde tudo é muito organizado. Ordem... E um tédio medieval!

Ali está o Rei Metal Mau e o soldado que raptou Azulzinha.

(Chega uma nuvem — uma bandeira feita de vara de bambu e papel de seda colorido — segura por dois atores que vão andando, fazendo barulho de carro.)

Papel: — Este aqui é um personagem tecnológico. Que número você é?

Nuvem: — 123. Circular Quintal-Cidade Medieval.

Papel: — Ah, então me leva até a Cidade Medieval.

Ator 1: — E o ônibus levou o Papel até a Cidade Medieval.

Ator 2: — A Cidade Medieval é uma cidade brilhante, linda, de metal e cristal.

Ator 3: — Lá dentro tudo é arrumado: tem o Castelo Perfeito; lá mora o Rei Metal Mau.

Ator 4: — Vocês têm que ver: é tudo certo e arrumado. Não é como o quintal. Nem os ventos entram lá.

Ator 1: — Faz muito tempo que aqui nada muda; tudo é igual; tem um grande tédio, um tédio medieval.

(Aparece a Cidade Medieval. O Rei e os soldados andam marcando ângulos, um soldado traz Azulzinha.)

Azulzinha: — O senhor é o rei desta cidade? Sabe, eu gostei dela de longe; agora gosto muito mais. Eu só não gostei de ser roubada pelo seu soldado.

Rei: — Ele deve ter confundido você com algum inimigo. Meus soldados são obedientes e não deixam que ninguém se aproxime desta cidade; mas você pode ficar tranqüila, alegre e satisfeita.

Azulzinha: — Eu já estou muito alegre, estou morrendo de alegria.

Rei: — Você será muito bem tratada. Poderá andar por toda a cidade e morar no Castelo Perfeito, sem perigos.

Azulzinha: — É muito bonito o Castelo! É tudo tão perfeito!

Rei: — É bonito, perfeito e sem perigos. Aqui ninguém entra, nem pássaros, nem ventos, nem papéis, nem nuvens, nem nada. Só você.

Azulzinha: — Nem pássaros, nem nuvens, nem ventos?

Rei: — É. Só você! Sabe, eu vou casar com você!

Azulzinha: — Casar comigo?

Rei: — É, você vai ficar aqui. Para sempre.

Azulzinha: — Mas ficar aqui, sem voar, sem nunca voltar ao meu quintal?

Rei: — Isso mesmo. Mas vou organizar antes um grande torneio. Nenhum cavaleiro que se preze, ou rei, ou sei lá, pode ganhar sua dama sem lutar. Rá! Rá! Claro que aqui na Cidade Medieval ninguém será mais forte nem tão guerreiro quanto eu. Soldados, tragam todos os lenços de todos os quintais. Assistirão ao torneio e depois se transformarão em bandeiras da Cidade Medieval!

O Guarda: — Por ordem do Rei Metal Mau, do Castelo Perfeito, todos os lenços de todos os quintais terão que se apresentar e entrar na Caixa Estratosférica, para dirigir-se nela até a Cidade Medieval.

(Volta a música Eu Sou de Seda suave, enquanto vai descendo a caixa estratosférica, uma caixa de papelão. E todos os lenços são guardados nela, que logo em seguida é suspensa.)

Jornal de Papel chega à Cidade Medieval, mas não pode entrar.

Foge do Castelo, perseguido pelos soldados. A ordem é para que façam prisioneiros todos os amigos de Azulzinha, que perderão sua individualidade e se transformarão em simples bandeiras de seu reino. E agora? Como terminará a história?

(Por fim chegam o Papel e o cartaz giratório.)

Papel: — Posso entrar?

Cartaz: — Aqui você não entra. Aqui só entram os moradores do Castelo

Perfeito, quer dizer, os perfeitos do Castelo Perfeito.

Papel: — E você? Também é perfeito?

Cartaz: — Ah, eu sou um cartaz! Um cartaz giratório. Anuncio o próximo torneio, onde o Metal Mau vai ganhar a Azulzinha e casar com ela.

Papel: — Ah, é? Então vou lutar, vou participar do torneio e levar a Azulzinha para o quintal.

Cartaz: — Você não é medieval, você não tem armadura, nem cavalo, nem escudo. (Rindo muito.)

Papel: — É, não sou, não tenho, não sei brigar.

Cartaz: — E ainda que tivesse tudo isso, você não entraria. Aqui só entra metal, cristal, ouro, prata, seda, renda, veludo, brilhantina, purpurina, lamê, laquê, acrílico, aço escovado. É melhor você voltar.

Papel: — É melhor voltar. Eu sou apenas um papel! (Falando para si mesmo.)

(Entram em cena os outros atores.)

Ator 1: — Não, não volta, trata de falar com ela aqui de fora.

Papel: — Mas como ela vai saber que estou aqui fora?

Ator 2: — A gente canta, toca música no quintal, ela escuta e aparece.

(Todos cantam Da cor do céu.)

Papel: — Ela não aparece, ela não escuta! (Olha para todos os lados.)

Azulzinha: — Papel! (Aparecendo numa janela do castelo.)

Papel: — Azulzinha, você se lembra de mim? Você não se esqueceu?

Azulzinha: — Eu me lembro! Eu me lembro! Você é o jornal lá do quintal!

Papel: — Azulzinha, desce que eu quero falar com você.

(Azulzinha desce, usa uma corda como escada, mas fica do lado oposto ao Papel.)

Papel: — Azulzinha, eu vou salvá-la!

Azulzinha: — Agora vai ser muito difícil.

Papel: — Não vai ser difícil, não.

Azulzinha: — E para que voltar ao quintal? Os outros lenços estão aprisionados lá na Caixa Estratosférica. Serão transformados em bandeiras, cortinas, toalhas, tapetes. Nunca mais voarão. Nunca mais vão dançar com as ventanias e o ar. Volta, Papel, que já está escurecendo. Eu acho que o tempo vai esfriar.

(O Papel é amassado pelo ator que o manipula. Saem correndo de cena.)

Ator 1: — E o Papel foi embora. Será que volta sozinho para o quintal? Eu estou muito preocupado com o fim desta história.

Azulzinha ficará para sempre na Cidade Medieval? E vejam o que está dizendo o Rei Metal Mau aos seus soldados:

Rei: — Soldados, amanhã será o torneio. Temos que limpar, ordenar,

arrumar a Cidade Medieval. Que tudo brilhe, que tudo seja duro, firme e espelhado.

Que não fique em volta do Castelo nenhuma folha seca, nenhum papel velho.

Soldados: — As ordens serão cumpridas, vamos já!

(Os soldados saem limpando tudo. O Papel passa voando e eles tentam pegá-lo. Desaparecem todos. Será dada a impressão de que o Papel foi aprisionado, mas ele volta e pede ajuda aos amigos.)

Papel: — Guarda-Chuva, Galinha Observatriz, Violão, me ajudem, estou muito triste. Os guardas estão queimando todos os papéis em volta do castelo, e eu queria voltar ao quintal, mas estou cansado.

Guarda-Chuva: — Fique aqui descansando, nós vamos vigiar.

(Os amigos ficam vigiando, mas um soldado chega, pega o Papel e o queima. O soldado vai embora. Os atores não conseguem continuar o espetáculo. Estáticos, olham para as cinzas do papel.)

Ator 1: — Cuidado, cuidado! É tarde demais.

Ator 2: — E agora? Queimaram o Papel. A Azulzinha ficou lá na Cidade Medieval, e o quintal ficou sem cores, sem lenços.

(Um dos atores fala para a mala dos bonecos.)

Ator 3: — Estão vendo? Tudo culpa de vocês! Se não fossem vocês, nós teríamos aqueles espetáculos bonitos e não teríamos feito esta história triste. Tudo poderia ter sido mais alegre.

Ator 4: — Você acha que é triste?

Ator 1: — Eu acho que esta história acabou. (Ao público: Podem ir embora".)

Ator 2: — Assim desse jeito acabou. E não é a primeira vez que uma história acaba desse jeito.

Os atores resolvem mudar o rumo da história. Transformam Papel de Jornal em um personagem mais forte, com um coração de metal, mas só por fora. Mas, por baixo, um coração de celofane! Libertam os amigos prisioneiros e, juntos, os lenços formam um grande Dragão para enfrentar o Rei Metal Mau.

Ator 3: — Mas quem está inventando esta história? Não somos nós? Quem foi que fez o Papel? Não foi a gente?

Ator 1: — É, eu dobrei o Papel.

Ator 2: — Eu pintei os olhos e a boca.

Ator 3: — Então traz os jornais e vamos fazer um Papel muito melhor, muito mais forte.

Ator 4: — E como ele vai ter que participar do torneio, bota corpo, bota mãos e um coração transparente de celofane, para que se veja tudo o que se passa dentro.

Ator 1: — É melhor botar também um coração de metal, já que ele vai lutar com o Metal Mau! É, por baixo do coração de celofane, bota um outro de metal.

(Toda esta ação deve ser realizada procurando-se ampliar a discussão com o público.)

Ator 2: — Esta lata vai ser o elmo!

Ator 3: — Bota capa, todos os heróis que conheço usam capa.

(Batem palmas para o novo papel.)

Papel: — Obrigado, vou salvar a Azulzinha! E o meu cavalo?

Ator 4: — Nem a cavalo nem de ônibus ele chegaria, pois o torneio vai ser hoje, ele tem que ir voando!

Ator 1: — Espere aí, tive uma idéia! Os guardas guardam os lenços lá em cima, na Caixa Estratosférica.

Ator 2: — A gente faz um Vento da Madrugada.

Ator 3: — E faz jogar, e cair, e desamarrar.

(Derrubam a caixa e fazem cair todos os lenços.)

Ator 4: — E agora faremos um cavalo.

Ator 1: — Não, um camelo.

Ator 2: — Um besouro eletrônico.

Ator 3: — Um tigre de oito patas.

Ator 4: — Um leão voador.

Ator 1: — Não, é melhor um dragão de cores. Um dragão de cores e amores!

(Constroem um Dragão, com todos os lenços presos num pano com pregadores de varal, e uma máscara de dragão no meio, enquanto cantam a música

do Dragão.)

O Dragão

Vamos fazer um dragão
de muitas cabeças
para poder esta história terminar
uma cabeça, oito cabeças
dez cabeças, doze cabeças
chega, já é demais

Vamos fazer um dragão
de uma cabeça
com um par de asas lindas para
voar
quatro asas, sete asas,
oito asas, vinte asas
chega, já é demais.

Todos unidos formam o Grande Dragão.

O Rei chama seus opositores, mas não surge ninguém. Azulzinha perderá sua liberdade, seus sonhos e seus desejos e ficará para sempre no Castelo Perfeito — prisioneira do rei e casada com ele.

O Rei, por falta de opositores, resolve lutar contra sua própria sombra. Surge então a sombra do Papel de Jornal. Lutam. A sombra do rei é vencida. Ele, então, em desespero, chama seus soldados. Papel de Jornal chama seus amigos. Unidos e transformados pela força do dragão, juntos lutam para salvar Azulzinha.

Arauto: — E o Papel, com esse elmo, com esse coração, montando no Dragão, voltou para a Cidade Medieval para tentar salvar a Azulzinha.

Cartaz: — Quem é você?

Papel: — Papel, coração de celo... Xi... Quase que eu digo. Papel, coração de metal! (Falando baixinho para o público.) Mentira, meu coração é de papel celofane mesmo.

Cartaz: — Pode entrar e esperar que comece o torneio.

Rei: — É dia de torneio e ainda não se apresentou ninguém para lutar comigo. Já estão todos com medo de mim! Rá, rá, rá. Mas hei de lutar e ganhar como Rei e cavaleiro medieval que sou. Se for preciso, lutarei com minha própria sombra.

(Um ator coloca uma máscara de metal e segura uma trombeta com estandarte.)

Cartaz: — Hoje, aqui neste lugar, na grande Cidade Medieval, o grande Rei Metal Mau, do Castelo Perfeito, lutará com o primeiro cavaleiro que se apresentar. O vencedor casará com a Azulzinha do quintal.

Ator 2: — 1º cavaleiro.

Cartaz: — Não tem!

Ator 2: — 2º cavaleiro.

Cartaz: — Não tem!

Ator 2: — 3º e 4º cavaleiros.

Cartaz: — Não tem! Não tem!

Rei: — Eu acho que vou ter que lutar com minha própria sombra! Preparem-se todos, toquem os tambores que o torneio vai começar! Em guarda, minha sombra,

hei de vencer ainda que te perca. Toma, toma!

(Luta com sua sombra. Aparece a sombra de Papel.)

Rei: — De quem é essa sombra que aí se apresenta?

Papel: — Essa sombra é minha!

Rei: — Quem é você?

Papel: — Eu sou o Papel, coração de celofane.

Rei: — Ousa me enfrentar?

Papel: — Eu não, é minha sombra que ousa!

(As duas sombras lutam, a do Papel vence, e desaparece a sombra do Rei. Isto poderá ser feito com dois refletores, apagando-se a sombra do Rei.)

Rei: — Minha sombra foi vencida, estou sem sombra! Agora Papel, você lutará com meus soldados!

Papel: — Eu não; meu dragão é que vai lutar!

(A luta começa e o dragão vence todos os soldados. Todos cantam a música do Dragão.)

Papel: — Ainda quer continuar a luta comigo? Já está sem soldados, sem sombra.

Rei: — Eu sou apenas um boneco, um rei de metal, eu deixarei sair a Azulzinha, mas deixe-me ficar aqui no meu castelo.

Papel: — Mas longe do quintal! Bem longe do quintal! (procura Azulzinha.) Azulzinha!

Azulzinha: — Papel!

Papel: — Azulzinha, a gente vai voltar para o quintal!

Azulzinha: — Com o Vento da Madrugada?

Ator 1: — Não, com o Vento do Pólo Norte.

Ator 2: — Com o Vento da Manhã.

Ator 3: — Com o vento de todo o mundo.

Todos: — Com o vento de todo o mundo!

(O espetáculo termina com as músicas: "Tempo de lenços e ventos" e "Se é de papel".)

Tempo de lenços e ventos

São muitas histórias cantando
ai bate no bumbo bumbo
é tempo de lenços e ventos
ai treme e respira violão

Roda roda — moinho
roda roda — a cor
roda roda — a cantiga
roda roda — amor

É tempo de lenços e ventos
ai bate cora-coração
não é máquina é gente que canta
ai treme e respira violão.

Falando de teatro

Apresentamos aqui o teatro de animação, que vem de “animus, anima”: o teatro que dá alma, vida a seres inanimados, que podem ser bonecos ou objetos, como em “História de lenços e ventos”.

No caso do teatro de animação com objetos, pode-se partir do próprio objeto para contar a história. Observamos aqui sua forma, textura, cor, tamanho e tudo isto junto nos dá a personalidade do personagem, que criamos a partir do objeto concreto — descobrimos sua personalidade e lhe damos um nome.

Depois, descobrimos os movimentos adequados ao personagem, ritmo, movimentação e o manipulamos para que ganhe energia, vida e verdade.

Para você ampliar seus conhecimentos, apresentamos uma pesquisa sobre teatro:

Elementos do palco

“bambolina”: panos horizontais colocados na parte superior do palco, que tapam cenários suspensos, refletores e quaisquer outros elementos suspensos.

“caixa”: o espaço cênico criado por estes elementos: rotunda, bambolinas, tapadeiras.

“coxia”: espaço livre nas laterais do palco onde ficam objetos de cena e onde os atores aguardam para entrar.

“proscênio”: parte da frente do palco, mais próxima do público.

“refletores”: são lâmpadas especiais, em caixas especiais, que iluminam a cena, operados da cabine técnica.

“rotunda”: cortina que fecha todo o fundo do palco.

“tapadeiras ou pernas”: panos verticais colocados nas laterais do palco, que permitem a entrada e saída de atores.

Equipe de criação

“cenógrafo”: cria o cenário, o espaço cênico onde vai ser contada a história, localizando muitas vezes o espaço e o tempo da narrativa, ou, ao contrário, criando um espaço não definido e atemporal.

“diretor”: coordena toda a equipe, incentivando-a a criar em direção a um só objetivo; dirige a interpretação dos atores, conduz a linha do espetáculo, cria imagens cênicas, desenhos, marcações, gestual.

“diretor musical”: cuida da parte musical do espetáculo, juntamente com o diretor, sugerindo inserções de músicas, sons, podendo também criar músicas, fazer arranjos; coloca o elenco "afinado" para cantar.

“figurinista”: cria os figurinos do espetáculo, traduzindo a personalidade e até mesmo a "função" de cada personagem da história.

“iluminador”: cria a luz do espetáculo, sublinhando, com ela, o clima das cenas, seu desenho; é mais um elemento a contar a história.

Equipe técnica

“camareira”: a pessoa que cuida dos figurinos e ajuda os atores a se vestirem.

“contra-regra”: pessoa responsável pela guarda e colocação dos cenários e objetos de cena.

“maquiador”: responsável pela criação e execução da maquiagem dos atores.

“montador”: o que executa o plano de iluminação do Iluminador. Instala refletores, cuida da parte elétrica.

“produtor”: é o responsável pelo espetáculo, o que levanta recursos, convida diretores, atores, equipe técnica. Hoje, normalmente, o diretor acumula esta função.

“sonoplasta”: que opera o som criado para o espetáculo pelo Diretor ou pelo Diretor Musical.

Tipos de palco

“arena”: onde a platéia fica em torno (360 graus) de toda a representação, que se faz no centro desta "arena".

“semi-arena”: em semicírculo (180 graus), envolvendo o espetáculo até um semicírculo.

“italiano”: o palco mais tradicional, que contém todos os elementos acima descritos, que formam a "caixa cênica". O tablado fica mais alto do que a platéia, que é colocada frontalmente à cena.

Sobre a “História de lenços e ventos”

O espetáculo foi criado ao "sabor" do movimento de brincar com objetos animados, poeticamente. Uma história que se entrega às alegrias e tristezas de viver o jogo da representação.

Não é um teatro de bonecos; não é um texto realista, mas é tão real e

emocionante como toda a vivência que se desprende de crianças brincando.

O centro dramático está na liberdade, na sinceridade, na espontaneidade dos "brincantes".

A linguagem, o clima... É como se o espetáculo estivesse sendo construído naquele momento.

A sensibilidade da interpretação deve ser motivada pelas matérias e materiais que se defrontam no jogo e que, essencialmente, parecem dizer para o público: "Eu sou de seda — eu sou de papel — eu sou de metal ou água e até fogo" — e tudo isto não é simulado, não é maquiado, é concretamente de verdade.

A dinâmica e o tempo das cenas estão visceralmente ligados aos elementos em ação. Assim se sucedem as rodas, os desfiles, as brigas, as ventanias e as tempestades, o movimento em que o caos e o casual estarão sempre presentes.

O espaço cênico e sua arquitetura serão continuamente quebrados, transformados, desdobrados, construídos e reconstruídos. Entre o espaço cênico e a platéia não existe necessariamente qualquer divisão. O público senta-se no chão forrado de jornais — um dos materiais que protagonizam a história. Os atores circulam livremente, e o próprio público pode entrar no jogo em alguns momentos.

O espetáculo, ainda que se deixe influenciar pelo público, tem sua estrutura e seus alvos, e um final certo, que valorizam a identificação do público e as afetividades que isto provoca; os sentimentos voam, caem e queimam — literalmente.

As propostas não são formais, mas procuram uma realização estética; assim se sucedem rodas, cirandas, ventos que carregam lenços e papéis pelo espaço. Desta forma se constroem e se concluem a ação e a história, de forma emocionada, porque, sem dúvida, o ritual do teatro tem que ser criativo e emocionante.

Ilo Krugli

Músicas

Eu Sou de Seda

Letra: Ilo Krugli
Música: Caíque Botkay

Marcha rancho

Eu sou de seda
Eu sou de pano
Sou bordado de lua
Tenho flores de prata
Eu sou de chita
Eu sou de lã
Sou dura engomada
De flor floreada
Sou uma bandeira,
Uma saia rodada
Lencinho pequeno
De espirro e de mágoa
Sou uma bandeira,
Uma saia rodada
Lencinho pequeno
De espirro e de mágoa.

Lá Vem a Noite

Letra e Música: Beto Coimbra,
Caíque Botkay e Ilo Krugli.

Ciranda

Lá vem lá vem a noite
E vem de capa preta
Traz uma estrela grande
Três mil e um cometa.

Lá vem lá vem a noite
E vem trazendo o vento
Com três luas redondas
Brincando no sereno.

Soldado Medieval

Letra e Música: Beto Coimbra,
Caíque Botkay e Ilo Krugli.

Baião Lascado

Ele é grande é forte
ele é brilhante é soldado que
voa do país distante
ele é grande ele é forte
não tem vida nem morte
ele é grande ele é mau
ele é medieval. “bis”

O Vento da Madrugada

Letra: Ilo Krugli
Música: Caíque Botkay

Marcha

O vento da madrugada
Nunca chega só
Numa mão traz o sol
Na outra o beija-flor
Ele é misterioso
Mas não é medroso

Já fez voar um gato um rato
uma escada um telhado
mas que vento guloso
Ele não é medroso
Ele traz o sol
Ele traz o sol

Ele traz o vento da madrugada
Nunca chega só
Numa mão traz o sol
Na outra o beija-flor
Ele é misterioso
Mas não é medroso
Já fez voar um gato um rato
uma escada um telhado
mas que vento guloso
Ele não é medroso
Ele traz o sol
Ele traz o sol
Ele traz o sol

O Dragão

Letra: Ilo Krugli
Música: Caíque Botkay

Marcial

Vamos fazer um dragão de muitas
cabeças
Para poder esta história terminar
Uma cabeça, oito cabeças,
Dez cabeças, doze cabeças
Chega já é demais

Vamos fazer um dragão de uma
cabeça
Com um par de asas lindas pra
voar
Quatro asas, sete asas,
oito asas, vinte asas
Chega já é demais
(repete várias vezes)

Da Cor do Céu

Letra: Ilo Krugli e Beto Coimbra
Música: Beto Coimbra

Canção

Da cor do céu
Da cor do céu
Da cor do teu olhar
A roda nasce
a roda nasce
aqui no meu quintal

Se é muito azul
Se é muito azul
no branco vai clarear
Da cor do céu
a roda gira
aqui no meu quintal.

Tempo de Lenços e Ventos

Letra: Beto Coimbra e Ilo Krugli
Música: Beto Coimbra e Caíque Botkay

Introdução

Lalaiá laiá laiá laiálala
laiá laiálala laiá
lalalalaiá lalalalaiá
laiá lalalalaiá

Tema

São muitas histórias cantando

Ai, bate no bumbo, bumbo
É tempo de lenços e ventos
Ai, treme respira violão
Roda, roda moinho,
roda, roda a cor,
roda, roda a cantiga,
roda, roda amor
Roda, roda moinho,
roda, roda a cor,
roda, roda a cantiga,
roda, roda amor

É tempo de lenços e ventos
Ai, bate coracoração
Não é máquina é gente que canta
Ai, treme respira violão
Roda, roda moinho,
roda, roda a cor,
roda, roda a cantiga,
roda, roda amor
Roda, roda moinho,
roda, roda a cor,
roda, roda a cantiga,
roda, roda amor “Fim”

Se é de Papel

Letra e Música: Caíque Botkay

Primeira voz:

Se é de papel
voa no céu
Se é de metal
Brilha na mão,
na minha mão
se é de jornal
Me faz chorar
Não é por mal
me faz chorar

Segunda voz:

De papel
voa no céu
de metal
na minha mão
de jornal
não é por mal
de jornal
me faz chorar.